

# Patativa: poeta histórico e universal

## **Nabucodonosor Alves Feitosa**

[advocatus.adv@bol.com.br](mailto:advocatus.adv@bol.com.br)

---

Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Regional do Cariri (Urca); graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (Uece); graduado em Direito (Urca); graduado em História (Urca); membro do Grupo de Pesquisa e Estudo em Educação, Linguística e Letras (GPEL) – IFCE – Iguatu.

## **Nabupolasar Alves Feitosa**

[nabupolasar@bol.com.br](mailto:nabupolasar@bol.com.br)

---

Pós-doutorando, sob a supervisão da Profa. Dra. Irenísia Torres de Oliveira (Universidade Federal do Ceará – UFC); Doutor em Ciências Sociais: Política, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); especialista em O Teatro Moderno em Língua Inglesa (UECE); graduado em Letras (UECE); e em Ciências Sociais pela UFC; membro do Grupo de Pesquisa e Estudo em Educação, Linguística e Letras (GPEL) – IFCE – Iguatu.

## Introdução

As transformações pelas quais o Brasil passou durante o século XX – voto feminino, industrialização, construção de Brasília, expansão da indústria automobilística, surgimento de megalópoles, entre tantas outras – não foram capazes de acabar com as desigualdades sociais e regionais, com os males causados pelas secas que sempre assolaram o Nordeste, e que forçaram um êxodo principalmente para as terras do sul, bem como não conseguiram impedir que surgisse uma massa de necessitados e miseráveis a habitar as periferias das grandes cidades, além do aumento do fosso entre os mais ricos e os mais pobres (SILVEIRA, 1984; OLIVEIRA, 1993), criando-se, assim, no dizer de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré (1909-2002), um Brasil de cima e um Brasil de baixo (Assaré, 2015, p. 162).

Contudo, nada disso passaria despercebido aos olhos desse homem simples que viveu durante praticamente todo esse século e que esteve atento a tudo isso, sendo capaz, a despeito de sua simplicidade e pouca instrução formal – porém com bastante leitura –, de perceber os verdadeiros causadores de todos esses males, além de ter a coragem de tudo denunciar através de seus versos.

Simple, inteligente, erudito e talentoso, Patativa do Assaré foi um homem de seu tempo e com seu tempo dialogou, daí ter uma ampla temática nas suas produções. Nas suas poesias mais engajadas trata de temas como fome, miséria, pobreza, opressão, sobretudo no livro *Ispinho e Fulô* (ASSARÉ, 2009); em outros poemas dialoga com livros clássicos, como *As Mil e Uma Noites* (GALLAND, 2015); e traz temas como migração forçada, disputa por dinheiro, que são questões essencialmente urbanas. Em outras palavras, a obra de Patativa do Assaré, além de ser

## Introdução

As transformações pelas quais o Brasil passou durante o século XX – voto feminino, industrialização, construção de Brasília, expansão da indústria automobilística, surgimento de megalópoles, entre tantas outras – não foram capazes de acabar com as desigualdades sociais e regionais, com os males causados pelas secas que sempre assolaram o Nordeste, e que forçaram um êxodo principalmente para as terras do sul, bem como não conseguiram impedir que surgisse uma massa de necessitados e miseráveis a habitar as periferias das grandes cidades, além do aumento do fosso entre os mais ricos e os mais pobres (SILVEIRA, 1984; OLIVEIRA, 1993), criando-se, assim, no dizer de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré (1909-2002), um Brasil de cima e um Brasil de baixo (Assaré, 2015, p. 162).

Contudo, nada disso passaria despercebido aos olhos desse homem simples que viveu durante praticamente todo esse século e que esteve atento a tudo isso, sendo capaz, a despeito de sua simplicidade e pouca instrução formal – porém com bastante leitura –, de perceber os verdadeiros causadores de todos esses males, além de ter a coragem de tudo denunciar através de seus versos.

Simple, inteligente, erudito e talentoso, Patativa do Assaré foi um homem de seu tempo e com seu tempo dialogou, daí ter uma ampla temática nas suas produções. Nas suas poesias mais engajadas trata de temas como fome, miséria, pobreza, opressão, sobretudo no livro *Ispinho e Fulô* (ASSARÉ, 2009); em outros poemas dialoga com livros clássicos, como *As Mil e Uma Noites* (GALLAND, 2015); e traz temas como migração forçada, disputa por dinheiro, que são questões essencialmente urbanas. Em outras palavras, a obra de Patativa do Assaré, além de ser

seus versos publicados em um livro, *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*, lançado por José Carvalho de Brito em 1930.

O primeiro livro do poeta só seria publicado em 1956, *Inspiração Nordestina* (ASSARÉ, 2011). Contudo, sua projeção nacional só viria nos anos 1960, após Luiz Gonzaga gravar em 1964, pela gravadora RCA Victor, seu poema *A Triste Partida* (ASSARÉ, 2015, p. 46), que inclusive deu nome ao disco.

Nesse poema, ao mostrar a saga do nordestino que sofre com a seca e se vê obrigado a mudar para São Paulo em busca de trabalho, Patativa vai muito além dessa odisseia sertaneja. Ele apresenta as diferenças sociais e a força do poder econômico dentro do próprio sertão. Claramente mostra que a seca não é um problema para todos, mas só para o mais pobre que, tendo que se mudar, “vende seu burro, jumento e o cavalo”, pois não falta um “feliz fazendeiro” que “por pouco dinheiro, lhe compra o que tem”.

O Brasil vivia um processo de industrialização desde a década de 1950 com a política econômica de Getúlio Vargas. Porém, este desenvolvimento estaria mais presente na capital paulista, que se tornaria o grande centro de atração dos fluxos migratórios, principalmente oriundos do Nordeste. Contudo, a riqueza produzida em São Paulo não foi capaz de dar uma vida melhor para todos os seus moradores, como Patativa mostra em seus versos de *A Triste Partida* (ASSARÉ, 2015, p. 46): “Trabalha dois anos / Três ano e mais ano / E sempre nos planos / De um dia ainda vim / Mas nunca ele pode / Só vive devendo / E assim vai sofrendo / Tormento sem fim... / Faz pena o nortista / Tão forte, tão bravo / Viver como escravo / Nas terras do Sul”.

Nessa época, o Brasil vivia sob o Regime Militar, período em que a liberdade de expressão era limitada e vigiada, e Patativa, com seus versos cada vez mais denunciadores, quase foi preso em 1966 (ASSARÉ, 2001, p. 95) por causa do poema *Caboclo Roceiro* (ASSARÉ, 2015, p. 135). O motivo, segundo dedução do próprio poeta, seriam os seguintes versos: “A lua se apaga sem ter empecilho / O sol o seu brilho jamais te negou / porém os ingratos, com ódio e com guerra / tomaram-te a terra que Deus te entregou”.

O regime ditatorial no Brasil, iniciado em 1964, só acabaria em 1985 com a eleição vencida por Tancredo Neves, mas no ano anterior o país inteiro entrou na campanha Diretas Já! pelo direito de eleger diretamente o seu próximo Presidente, que até então era eleito por um colégio eleitoral. Patativa, a par da situação política nacional, compõe o poema *Inleição Direta 84* (ASSARÉ, 2015, p. 201): “Bom camponês e operaro / A vida tá de amargá / O nosso estado precaro / Não há quem possa aguentá / Neste espaço dos vinte ano / Que a gente entrou pelo cano / A confusão tá completa / Mode a coisa miorá / Nós vamo bradá e gritá / Pela inleição direta”.

Patativa tinha consciência de que os males sofridos pela sociedade brasileira não eram causa divina, conforme seu poema *Nordestino Sim, Nordeste Não* (ASSARÉ, 2015, p. 188) em que afirma: “a Divina Providência não nos deu a triste sina de sofrer o que sofremos”, e no mesmo poema se refere aos “ingratos da terra” como os verdadeiros responsáveis, que “com opressão e com guerra negam os nossos direitos”.

A sua preocupação com os injustiçados não se limita ao povo do sertão, ao homem da roça. Ele apresenta preocupação com aqueles que ocupam os espaços urbanos como o operário, o mendigo e as crianças que vivem pelas

ruas, sem família e sem lar, temáticas, aliás, bastante universais. O poeta afirma que o sofrimento do camponês é semelhante ao do pobre que vive na cidade e por isso é capaz de sentir e entender a dor alheia. Com essa consciência, denuncia o que hoje ainda é debatido, a necessidade de reforma agrária e o déficit habitacional, como se constata nos seguintes versos do poema *O Agregado e o Operário* (ASSARÉ, 2015, p. 204): “Canto aqui e canto acolá/ Sou amigo do operário/ Que ganha um pobre salário/ E do mendigo indigente (...) Os camponeses sem terra/ Que os céus desse Brasil cobre/ E as famílias da cidade/ Que sofrem necessidade/ Morando no bairro pobre... Se queimam na mesma brasa/ E vivem na mesma guerra/ Os agregados, sem terra/ E os operários, sem casa”.

E claramente defende mudança na estrutura fundiária, como no poema *Reforma Agrária* (ASSARÉ, 2015, p. 198): “Para saíres da tal fadiga/ Do terrível jugo que cruel te obriga/ A padecer situação precária/ Lutai altivo, corajoso e esperto/ Pois só verás o teu país liberto/ Se conseguires a reforma agrária”. E num outro poema: “A bem do nosso progresso / Quero o apoio do Congresso / Sobre uma reforma agrária”.

Em 1985, ano em que o Nordeste sofreu com muita chuva, Patativa do Assaré é convidado a participar de uma campanha nacional para arrecadação de fundos para os flagelados das enchentes. Ele compõe o poema *Seca d'água* (ASSARÉ, 2001, p. 117), que seria musicado e gravado por artistas da música popular brasileira. Nesse poema ele escreveu: “É triste para o Nordeste o que a natureza fez/ Mandou cinco anos de seca e uma chuva em cada mês/ E agora em 85 mandou tudo de uma vez/ a sorte do nordestino é mesmo de fazer dó/ seca sem chuva é ruim/ Mas seca d'água é pior”.

A participação nessa campanha só comprovava, mais uma vez, que Patativa do Assaré, o grande intérprete do sertão, já tinha a sua projeção nacional consolidada. Essa notoriedade e o encantamento pela sua obra já o tornavam objeto de estudo. Alguns dos seus estudiosos o tratam como poeta social, humanista e histórico, embora alguns ainda cometam o erro de tratá-lo como regional.

Patativa do Assaré é ainda um homem de uma erudição que pode surpreender alguns. Em seus poemas faz referências diretas a Aladim e a lâmpada, ao livro A Divina Comédia, a nomes importantes, como Câmara Cascudo, Juvenal Galeno, Capistrano de Abreu e Joaquim Nabuco.

O Professor Nabucodonosor Alves Feitosa, coautor deste capítulo, conhecido por Nabuco, passou na casa de Patativa do Assaré, em 1995, quando levava uma turma de alunos de Acopiara/CE para Alagoas. Depois de ouvir o poeta recitar vários poemas de cor, Nabucodonosor pediu que o poeta fizesse um poema para a turma. Mostrando o seu lado repentista e sua erudição, o poeta disse as estrofes a seguir: *“Cada qual mostra o valor/ Inda mais o professor/ Que estuda de mais a mais/ Com os alunos ao seu lado/ Vai ele bem animado/ Para a Terra dos Marechais”* – aqui se refere, em sua erudição, ao fato de os dois primeiros presidentes da República, Marechal Deodoro da Fonseca e Marechal Floriano Peixoto, serem de Alagoas, razão pela qual esse estado ficou conhecido como a Terra dos Marechais.

E quando Nabucodonosor pediu a saideira, ele completou: *“Você diz que é a saideira/ Pois pra essa turma inteira/ Vou dizer com muita fé/ Vai levando essas pessoas/ Para a terra de Alagoas/ E eu fico em meu Assaré/ O condutor é Nabuco/ Mas não o do Pernambuco/ Tudo ciente já tá/*

Com uma bondade rara/ é Nabuco de Acopiara/ Nabuco do Ceará”, fazendo aqui um trocadilho entre Nabucodonosor e o pernambucano Joaquim Nabuco.

O livro em que é deliciosamente possível se conhecer a vida e a obra de Patativa do Assaré leva o título de *Digo e Não Peço Segredo* (ASSARÉ, 2001). Organizado pelo Prof. Dr. Tadeu Feitosa, o livro é um show de imagens, poemas e falas em que Patativa se expressa de maneira primorosa. No livro, o Patativa humano, histórico, social e universal se apresenta de maneira clara, deliciosa e, como é de se esperar, inelutavelmente poética.

### Patativa, poeta universal

Desde que Gilberto Freyre iniciou seu movimento regionalista em 1924, ano da criação do Centro Regionalista do Nordeste, nasceu uma confusão entre o que era o movimento regionalista freyreano (de caráter principalmente político) e a classificação estética das obras nascidas das sugestões temáticas oferecidas por Freyre. Isso tem sido um problema sério porque há um apequenamento e estreitamento das obras produzidas, e todos aqueles que fazem uma literatura jogando luz sobre um mundo rural, especialmente o nordestino, recebem a pecha de obra “regional”, termo que teve sentido para classificar o movimento do Recife dos anos 20, mas que não tem o menor sentido na atualidade. Obra de arte se articula com o belo, com a capacidade de criação, com emoções, com imagens, e no caso da literatura, com a linguagem, o que nos leva a entender que a produção patativana é inarredavelmente universal.

Dessa forma, nessa segunda parte, vamos tratar de

Patativa do Assaré e sua obra como universais. A partir da noção da inexistência de uma obra de arte regional, e analisando alguns poemas de Patativa, vamos apontar aspectos da universalidade desse poeta cearense, o qual, lançando mão de características do sertão nordestino e das relações de poder nessa região do país como prolongamento da estrutura do poder nascido com a República, criou uma obra moderna, singular e da melhor qualidade estética.

## Obra universal

A obra de Patativa do Assaré tem amplitude temática, apresenta características modernas e seu local de fala é o Nordeste brasileiro, o que não quer dizer que seja uma produção “regional”. É literatura de origem nordestina sim, é literatura brasileira sim, não limitada ao nordeste, não limitada ao Brasil. Ainda que alguém ainda use o termo “regional”, é importante saber, por exemplo, que para José Lins do Rego o “regionalismo” não é limitador da arte a uma região, mas uma forma de ser mais humano, e assim sendo, mais universal. Para José Lins, em texto de 1941, é preciso “Ser da sua região, de seu canto de terra, para ser-se mais uma pessoa, uma criatura viva, mais ligada à realidade. Ser de sua casa para ser intensamente da humanidade” (REGO, 1968, p. 33). Isso é ser universal. No poema *Eu e Minha Campina* (ASSARÉ, 2015, p. 179), Patativa mostra sua vida e se torna mais humano, mais universal.

Patativa buscou caracterizar o brasileiro e o nordestino como parte integrante dessa nacionalidade. Em seu poema *O Rei do Baião* (ASSARÉ, 2015, p. 58), uma homenagem a Luiz Gonzaga, Patativa escreve: “Cabôco de

Com uma bondade rara/ é Nabuco de Acopiara/ Nabuco do Ceará”, fazendo aqui um trocadilho entre Nabucodonosor e o pernambucano Joaquim Nabuco.

O livro em que é deliciosamente possível se conhecer a vida e a obra de Patativa do Assaré leva o título de *Digo e Não Peço Segredo* (ASSARÉ, 2001). Organizado pelo Prof. Dr. Tadeu Feitosa, o livro é um show de imagens, poemas e falas em que Patativa se expressa de maneira primorosa. No livro, o Patativa humano, histórico, social e universal se apresenta de maneira clara, deliciosa e, como é de se esperar, inelutavelmente poética.

### Patativa, poeta universal

Desde que Gilberto Freyre iniciou seu movimento regionalista em 1924, ano da criação do Centro Regionalista do Nordeste, nasceu uma confusão entre o que era o movimento regionalista freyreano (de caráter principalmente político) e a classificação estética das obras nascidas das sugestões temáticas oferecidas por Freyre. Isso tem sido um problema sério porque há um apequenamento e estreitamento das obras produzidas, e todos aqueles que fazem uma literatura jogando luz sobre um mundo rural, especialmente o nordestino, recebem a pecha de obra “regional”, termo que teve sentido para classificar o movimento do Recife dos anos 20, mas que não tem o menor sentido na atualidade. Obra de arte se articula com o belo, com a capacidade de criação, com emoções, com imagens, e no caso da literatura, com a linguagem, o que nos leva a entender que a produção patativiana é inarredavelmente universal.

Dessa forma, nessa segunda parte, vamos tratar de

Patativa do Assaré e sua obra como universais. A partir da noção da inexistência de uma obra de arte regional, e analisando alguns poemas de Patativa, vamos apontar aspectos da universalidade desse poeta cearense, o qual, lançando mão de características do sertão nordestino e das relações de poder nessa região do país como prolongamento da estrutura do poder nascido com a República, criou uma obra moderna, singular e da melhor qualidade estética.

## Obra universal

A obra de Patativa do Assaré tem amplitude temática, apresenta características modernas e seu local de fala é o Nordeste brasileiro, o que não quer dizer que seja uma produção “regional”. É literatura de origem nordestina sim, é literatura brasileira sim, não limitada ao nordeste, não limitada ao Brasil. Ainda que alguém ainda use o termo “regional”, é importante saber, por exemplo, que para José Lins do Rego o “regionalismo” não é limitador da arte a uma região, mas uma forma de ser mais humano, e assim sendo, mais universal. Para José Lins, em texto de 1941, é preciso “Ser da sua região, de seu canto de terra, para ser-se mais uma pessoa, uma criatura viva, mais ligada à realidade. Ser de sua casa para ser intensamente da humanidade” (REGO, 1968, p. 33). Isso é ser universal. No poema *Eu e Minha Campina* (ASSARÉ, 2015, p. 179), Patativa mostra sua vida e se torna mais humano, mais universal.

Patativa buscou caracterizar o brasileiro e o nordestino como parte integrante dessa nacionalidade. Em seu poema *O Rei do Baião* (ASSARÉ, 2015, p. 58), uma homenagem a Luiz Gonzaga, Patativa escreve: “Cabôco de

geno forte,/ Contigo ninguém se engana,/ Tu é do Su e é do Norte,/ Do palácio e da chupana,/ Tu veve provando a raça,/ Dêrne o campo inté a praça,/ Na vida de sanfonêro,/ É grande rês soberano,/ Moreno pernambucano,/ Que sabe sê brasilêro”. No poema *A Terra é Naturá* (ASSARÉ, 2015, p. 71), o poeta lembra que a terra é da natureza e pertence a cada um, posição que evoca o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, de Jean-Jacques Rousseau (1983).

A obra patativana é moderna tanto pelas temáticas já referidas acima como pelo experimento estético que faz com a linguagem. Aquela linguagem “matuta” é também uma opção do poeta, como ele escreveu no poema *A Escrava do Dinheiro* (ASSARÉ, 2015, P. 36): “Eu dêxo as língua de lado/ Pra quem as língua aprendeu/ Eu quero a licença agora/ Mode eu contá minha histora/ Com a língua que Deus me deu”. Enganam-se, porém, os que acham que os poemas de Patativa do Assaré são sempre compostos de palavras com “transcrições matutas”, que buscam caracterizar o poeta, como se este fosse uma espécie de Chico Bento cearense, num esforço de marcar nele um exotismo caricato do Nordeste.

A Ontologia organizada pelo professor Gilmar de Carvalho traz 55 poemas de 9 obras diferentes. Desses poemas, 27 (49%) não vêm com essa “transcrição matuta”. Ou seja, pelo menos metade da sua obra não traz os elementos da “fala matuta sertaneja”, o que pode indicar um experimento estético da linguagem, como fizeram Oswald de Andrade, Anthony Burgess, José Saramago e José Lins do Rego. Este, por exemplo, disse ser influenciado diretamente pelos “cegos cantadores de feira da Paraíba e do Pernambuco” (REGO, 2004, p. 78). Na forma, Patativa adotou a rigidez que sempre se espera dos cordelistas, mantendo métrica e rima perfeitas, mas foi moderno

na reprodução da fala “matuta”.

Enganam-se ainda os que pensam que Patativa do Assaré só escreveu sobre o sertão nordestino. Ele trata de questões urbanas, rurais, trata de temas perenes como o amor e faz referência a vários intelectuais e poetas. Tudo isso faz dele um poeta universal porque são situações que ocorrem em todo o mundo. Isso é contrário à tentativa de estreitamento de uma obra por se ocupar de problemas que ocorrem em determinado local. Numa crítica a direta a Sérgio Milliet, José Lins do Rego escreveu:

O que o sr. Milliet repele na literatura que ele chama de *nordestina* para humilhá-la, para dar-lhe *limites estreitos*, é o que há de grande em toda literatura. (...) Criticar o romance porque ele exprime a desgraça de uma região, de uma porção de humanidade, é querer conduzir a criação para o puro artifício gramatical. Deram o Prêmio Nobel de Literatura a Knut Hamsun<sup>25</sup> porque o povo das aldeias e dos campos escandinavos através do seu lirismo abriu as suas esperanças e as suas desgraças ao mundo. Ninguém mais local do que ele, mais restrito à sua terra, ao detalhe e ao humano do seu país. Para o sr. Milliet, a humanidade de um Hamsun deveria morrer pelos gelos, ou comida pelos lobos. Um nordestino que morre de fome na seca, ou afogado numa enchente, não tem força para ser “*um herói universal*” da classificação do sr. Milliet (REGO, 2004, p. 44). (Grifos nossos).

Até para alguns estudiosos que aceitam a existência de uma literatura regional, esse termo não tem mais razão

---

25. Escritor norueguês, Prêmio Nobel de Literatura em 1920. Mais conhecido no Brasil por seu livro *Fome* (HAMSUN, 2004). Seus livros são publicados no Brasil pela editora Itatiaia.

de ser, como reconheceu Antônio Cândido num texto publicado em 1966:

...só a partir mais ou menos de 1930, numa segunda fase que estamos tentando caracterizar, as tendências regionalistas, já sublimadas e como transfiguradas pelo realismo social, atingiram o nível das obras significativas (...). A superação destas modalidades e o ataque que vêm sofrendo por parte da crítica são demonstrações de amadurecimento, por isso muitos autores rejeitariam como pecha o qualitativo de regionalistas, *que de fato não tem mais sentido* (CÂNDIDO, 2017, p. 194). (Grifo nosso).

A persistência em classificar uma obra de “regionalista” chega ao ponto de se chamar uma pesquisa sociológica de “regional”. Numa reação veemente e correta à tentativa de classificar sua obra como “regionalista”, Gilberto Freyre, líder do movimento regionalista nordestino e principal articulador do Congresso Regionalista de 1926, assim escreveu: “Reajo, como a um erro grave de perspectivas intelectuais, aos que pretendem limitar *Casa-Grande & Senzala* a um livro regional no estreito sentido de ser regionalistamente nordestino. Não é. Ele é pan-brasileiro”.<sup>26</sup>

O professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior também vê a literatura já dos anos 30 não como “regional”, mas nacional. E o que ele aponta para afirmar o caráter nacional dessa produção literária é o mesmo que se encontra na obra de Patativa do Assaré.

O final da década de vinte e, principalmente, a

---

26. Artigo do Jornal O Estado de São Paulo, de 26 de maio de 1985, p. 21 (HÉLIO, 2013, p. 126).

década de trinta marcam a transformação da literatura regionalista em “literatura nacional”. A emergência da análise sociológica do homem brasileiro, como uma necessidade urgente, colocada pela formação discursiva nacional-popular, dá ao romance nordestino o estatuto de uma literatura preocupada com a nação e com seu povo, mestiço, pobre, inculto e primitivo em suas manifestações sociais. A literatura passa a ser vista como destinada a oferecer sentido às várias realidades do país; a desvendar a essência do Brasil real (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 123). (Grifo nosso).

Essa literatura preocupada com a nação e seu povo é toda a obra de Patativa do Assaré. Por exemplo, no poema *Vida Sertaneja* (ASSARÉ, 2015, p. 108), mostra seu cuidado com o homem do campo e seu abandono pelo Estado. Ele escreve sobre o sertanejo: “Mas, porém, não percebeu/ Que sua muié morreu,/ Só por fartá um dotô./ E, como nada acontece,/ Diz, rezando a sua prece,/ Foi Deus que ditriminou!”. E na estrofe seguinte completa: “Coitado! Ignora tudo,/ Pois êle não tem estudo,/ Também não tem assistência./ E por nada conhecê/ Em tudo o camponês vê/ O dedo da providença”.

No poema *Crime imperdoável* (ASSARÉ, 2015, p. 60), denuncia a injustiça e o poder dos ricos: “Vive hoje o monstro a prosseguir no estudo,/ Enquanto o manto da miséria as cobre,/ Porque só o rico tem direito a tudo,/ Não há justiça para quem é pobre”. A diferença de classes sociais é o foco do poema *O inferno, o purgatório e o paraíso* (ASSARÉ, 2015, p. 146), em que escreve sobre o inferno: “E onde muitos estão no mesmo nível/ De indignância, desgraça e desventura,/ É onde vive sofrendo a classe pobre/ Sem conforto, sem pão, sem lar, sem cobre”. Neste mesmo poema

ele afirma que no Éden (paraíso) “no mastro tremula, a todo instante,/ A bandeira da classe dominante”, usando aí uma expressão marxista.

Outro tema universal rimado por Patativa é o da liberdade. No poema *Lição do Pinto* (ASSARÉ, 2015, p. 196), recitado em um comício em favor da anistia, o poeta escreveu: “Se direito temos/ Todos nós queremos,/ Liberdade e paz,/ No direito humano/ Não existe engano,/ Todos são iguais”. Liberdade, predileção de quem é pássaro, de quem é Patativa, de quem é universal.

As múltiplas percepções a respeito de Patativa não autorizam mais vê-lo como um poeta do sertão e para o sertão, como nos ensina o Prof. Tadeu Feitosa:

De 1909 a 2002, a trajetória poética de Patativa do Assaré experimentaria as cantorias e seus desafios, o cordel e sua dicção repentista, a alfabetização iniciática e as leituras de clássicos da poesia universal. Atravessaria os terreiros para se abrigar nas praças, junto a feirantes. Alcançaria o rádio e se difundiria midiaticamente até atingir múltiplas percepções e desfazer a fronteira tênue entre o que se considera “popular” e “erudito”, “regional” e “universal” (FEITOSA, 2003, p. 8).

Sendo objeto de muitas dissertações e teses, pela amplitude temática e pela forma como sua obra se estrutura, Patativa do Assaré é um poeta universal, ainda que às vezes se use a velha e inapropriada classificação de “regional”.

## Conclusão

Escrever sobre Patativa do Assaré não é fácil e encerrar o texto é mais difícil ainda, porque fica sempre a certeza de que há muito mais a se discutir, a apresentar; o texto que produzimos parece mais uma ave implume. De toda sorte, tomamos para este capítulo o desafio de mostrar um Patativa do Assaré histórico – conectado com seu tempo e as questões a ele inerentes – e universal. Para isso, apresentamos um homem ligado a sua terra e com sentimento de justiça, que divulgou para o mundo os problemas do sertão e apontou os culpados; foi poeta engajado, lutou pela anistia e pelas *Diretas-Já!*. Um poeta cuja produção lidou com vários temas de forma popular e erudita e com a qual fez experimento estético com a linguagem. Acima de tudo, foi um poeta que, de sua terra, da Serra de Santana, cantou para o mundo, tocando em questões que se repetem em Assaré, na Suécia, na Paraíba, na Rússia e em Acopiara, em todos os tempos. Um homem que foi bastante da sua terra para ser de toda a humanidade.

## Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ASSARÉ, Patativa do. **Antologia poética**. Org. Gilmar de Carvalho. 8ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2015.

\_\_\_\_\_. **Ispinho e fulô**. São Paulo: Hedra, 2009.

\_\_\_\_\_. **Inspiração nordestina**. São Paulo: Hedra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Patativa do Assaré: a trajetória de um canto**. São Paulo:

Escrituras, 2003.

BRITO, José Carvalho de. **O matuto cearense e o caboclo do Pará**. Belém: Jornal de Belém, 1930.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e subdesenvolvimento**. In: CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.

GALLAND, Antoine (versão). **As mil e uma noites**. Vol. 2. Tradução de Alberto Diniz. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HAMSUN, Knut. **Fome**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

HÉLIO, Mário. **Casa-Grande e Senzala**: o livro que dá razão ao Brasil mestiço e pleno de contradições. São Paulo: É Realizações, 2013.

NUVENS, Plácido Cidade. **Patativa e o universo fascinante do sertão**. Fortaleza: Unifor, 1995.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

REGO, José Lins do. **O cravo de Mozart é eterno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In.: FREYRE, Gilberto. **Região e tradição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1968.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social; Ensaio sobre as línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes**. Tradução de Lourdes Santos Machado. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional**. São Paulo: Moderna, 1984.